



SEÇÃO ENSAIOS E REVISÕES

Audiodescrição como possibilidade de inclusão em atividades de Artes na escola

Audio description as a possibility of inclusion in Arts activities at school

Samira de Moraes Maia Vigano¹

Juliana Pompeu da Costa²

RESUMO

Trata-se de um artigo que pretende debater sobre a possibilidade didática de atuação docente, por meio da audiodescrição – AD. Considera-se a AD uma da Tecnologia Assistiva importante para as pessoas com deficiência visual por ser uma ferramenta de inclusão que transforma imagens em palavras. As atividades educacionais com audiodescrição auxiliam na aquisição dos conceitos para pessoas com deficiência visual, fazendo com que elas possam compreender melhor imagens que são trazidas nas ações docentes. Desse modo, objetiva-se compreender como a AD pode ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva das artes, para possibilitar a acessibilidade das pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com análises bibliográficas. Utiliza-se, como procedimento metodológico, o levantamento sistemático de artigos que se debruçam sobre a temática em questão. Os artigos selecionados serão analisados considerando o uso desse recurso assistivo para a acessibilidade, articulando-os de forma teórica e conceitual com as normativas contidas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (2008) e na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2016). O olhar inclusivo nos espaços educativos constitui-se por meio de eliminações de barreiras metodológicas e atitudinais; sendo importante organizar materiais pedagógicos que já estejam adaptados para todas as pessoas. Recomenda-se, assim, a utilização da audiodescrição de forma didática (ADD) na escola, e, por fim, constata-se o quanto necessário é reconhecer cada peculiaridade, de modo a desenvolver as potencialidades de cada aluno, e que estudos como esse incorporam um movimento importante para que se possam desconstruir perspectivas capacitistas.

Palavras-chave: Audiodescrição. Inclusão. Ensino. Aprendizagem. Deficiência.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the didactic possibilities of teaching through audio description – AD. AD is an important Assistive Technology for people with visual impairments, as it is an inclusion tool that transforms images into words. Educational activities with audio description help people with visual impairments to acquire concepts, enabling them to better understand images that are brought up in teaching activities. The objective is to understand how AD can be used in teaching and learning processes, from an arts perspective, to enable accessibility for people with visual impairments. This is a qualitative study, with bibliographical analysis. The methodological procedure used

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Doutora em Educação.

E-mail: samirammmvigano@gmail.com

² Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Graduanda em Pedagogia.

E-mail: julypompeu@hotmail.com



is a systematic survey of articles on the subject. The selected articles will be analyzed, considering the use of this assistive resource for accessibility, articulating those studies, in a theoretical and conceptual way, with the regulations contained in the National Policy for Special Education from an Inclusive Perspective (2008) and the International Convention on the Rights of Persons with Disabilities (Brasil, 2016). The inclusive approach in educational spaces is based on eliminating methodological and attitudinal barriers; it is important, then, to organize teaching materials that are already adapted for all people. Therefore, it is recommended to use audio description in a didactic way (ADD) at school; finally, it has been noted how necessary it is to recognize each student's unique characteristics to develop their potential, and that studies such as this one incorporate an important movement towards deconstructing ableist perspectives.

Keywords: Audio description. Inclusion. Teaching. Learning. Disability.

Introdução

Este artigo³ busca debater a possibilidade didática de atuação docente, por meio da audiodescrição (AD). A audiodescrição é uma ferramenta de inclusão que transforma imagens em palavras, permitindo que pessoas com deficiência visual e outras especificidades, como as neurodivergências (Transtorno do Espectro Autista – TEA, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH, Dislexia, Síndrome de Tourette, entre outras), possam ter acesso a conteúdos e informações audiovisuais. Trata-se de uma Tecnologia Assistiva (TA) que se organiza como uma atividade de mediação linguística, que contribui para a inclusão social, cultural e escolar. A AD pode ser utilizada em eventos, teatros, programas de televisão, filmes, entre outros meios, para traduzir imagens ou vídeos em palavras.

O debate sobre as Tecnologias Assistivas está muito em voga, tendo em vista as perspectivas inclusivas necessárias para atuar com as diferenças. A necessidade de atuar com propostas metodológicas que visem à inclusão, nesse contexto, está em conformidade com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), lei nº 13.146 (Brasil, 2015). Nessa lei, a Tecnologia Assistiva, é definida como: “produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços” que eliminem barreiras, promovendo a funcionalidade, relacionada à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, “visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (Brasil, 2015, art. 3). Nesse tema, os debates atuais consideram também a Educação Especial uma:

[...] modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes da maioria das crianças e jovens (Mazzotta, 1996, p. 11).

3 Este trabalho foi realizado no curso de Pedagogia, juntamente com uma estudante com baixa visão.



Desse modo, a temática escolhida é a audiodescrição e como ela pode ser uma ferramenta de arte na escola. O objetivo é compreender como a AD pode ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva das artes, para possibilitar a acessibilidade das pessoas com deficiência visual. Vale ressaltar a importância do tema visto que “[n]o Brasil, existem em torno de 6,5 milhões de pessoas com alguma deficiência visual, de acordo com Censo realizado pelo IBGE em 2010, porém, essa população tem pouco acesso a conteúdos televisivos acessíveis ou ainda não sabe onde e como procurá-los” (Enap, 2020, p. 5).

Destaca-se, ainda, que muitos debates, contribuíram para a constituição de práticas específicas no atendimento às demandas dos sujeitos com deficiência, embora, no contexto social em geral, haja uma dificuldade de eliminar algumas barreiras para a efetiva promoção da autonomia de estudantes com deficiência. Assim, esse debate é primordial para o contexto educacional, tendo em vista a necessidade de ampliar algumas práticas pedagógicas, e reconhecer a audiodescrição como uma possibilidade metodológica para essa práxis.

2 Procedimentos metodológicos

Este trabalho realizou-se por meio de reflexões teóricas e um levantamento sistemático de artigos que se debrucem sobre a temática em questão, já que se entende que “[u]m levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre o tema é um passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento” (Romanowski; Ens, 2006, p. 43). Considerando-se, também, que a “análise do campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia” (Romanowski; Ens, 2006, p. 39), para assegurar a compreensão do objetivo proposto, foi importante construir um panorama das pesquisas com uma intermediação do levantamento por meio de quadros com os dados encontrados.

Essa investigação sistemática organizou-se por meio de algumas etapas. Inicialmente, a busca foi realizada a partir da definição de palavras-chave. Depois de ter um panorama das pesquisas, foi necessário categorizá-las em temáticas que se assemelhavam para construir, assim, as categorias que definiram os descritores de busca.

A pesquisa por meio de descritores auxilia o levantamento de bases teóricas sobre um determinado tema, fazendo com que haja um aprofundamento teórico. Para esse fim, o Portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foi escolhido para esse levantamento, já que é um acervo de pesquisa qualificado no meio acadêmico.



Em relação ao tema escolhido, audiodescrição como arte na escola, entende-se a AD como:

[...] um recurso de tecnologia assistiva que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual junto ao público de produtos audiovisuais. O recurso consiste na tradução de imagens em palavras. É, portanto, também definido como um modo de tradução audiovisual intersemiótico, em que o signo visual é transposto para o signo verbal.

A transposição do signo visual para o verbal caracteriza-se pela descrição objetiva de imagens que, paralelamente e em conjunto com as falas originais, permite a compreensão integral da narrativa audiovisual. Como o próprio nome diz, um conteúdo audiovisual é formado pelo som e pela imagem, que se completam (Enap, 2020, p. 21).

A partir da seleção temática, foi definido o período de busca, de 2015 a 2024. Os critérios para escolha do período foi conhecer propostas mais recentes sobre a temática para verificar como se dá a acessibilidade na educação e analisar trabalhos que possibilitassem aprendizagens com audiodescrição que sejam significativas na educação.

Para possibilitar uma maior compreensão sobre a acessibilidade, considera-se importante, verificar o artigo 2º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2016). Esse artigo especifica um pouco mais sobre a produção audiovisual, apresentando o que é o conceito de comunicação:

“Comunicação” abrange as línguas, a visualização de textos, o Braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis (Brasil, 2016, p. 21).

Portanto, por meio daqueles critérios, utilizaram-se os seguintes descritores para o estudo: Audiodescrição; Audiodescrição e escola; Audiodescrição e arte e escola. Partindo desses descritores, são especificadas as abordagens das pesquisas selecionadas. Para tanto, a sequência deste artigo se dividirá da seguinte forma: uma breve análise, juntamente com a apresentação dos trabalhos localizados a partir da busca sistemática, e, na sequência, uma discussão teórica a partir de dois textos levantados no portal escolhido.

3 Apresentação e análises das pesquisas

A audiodescrição é um recurso que pode ser utilizado como ferramenta pedagógica nas aulas de diversas formas, ele “vem para facilitar o acesso de conteúdos audiovisuais (filmes, teatro, palestras e eventos) ou imagens estáticas (fotografias, gráficos, planilhas, museu, obras de arte) para pessoas com deficiência visual” (Enap, 2020, p. 6).



A Audiodescrição permite o recebimento da informação contida na imagem ao mesmo tempo em que ela aparece, permitindo que a pessoa aproveite toda a obra, seguindo a trama e captando a subjetividade da narrativa da mesma forma que uma pessoa sem alguma deficiência visual. As descrições acontecem nos espaços entre os diálogos e nas pausas entre as informações sonoras do filme ou espetáculo, nunca se sobrepondo ao conteúdo sonoro relevante, de forma que a informação audiodescrita se harmoniza com os sons do filme (Enap, 2020, p. 7).

Assim, as atividades educacionais com audiodescrição auxiliam na aquisição dos conceitos para pessoas com deficiência visual, fazendo com que elas possam compreender melhor imagens que são trazidas nas ações docentes. Além do uso desse recurso, outras estratégias para melhorar a acessibilidade para pessoas com deficiência visual na escola incluem: disponibilizar materiais didáticos com letra ampliada e alto contraste, fornecer versões em braille dos livros ou demais materiais, e promover atividades colaborativas entre os estudantes. Há vários materiais disponíveis nos meios digitais, como, por exemplo, o vídeo do “Porco Espinho” (Vídeo [...], 2018), que tem audiodescrição e conta uma história com uma metáfora sobre inclusão no espaço escolar.

Em relação a ações governamentais, a inclusão é uma temática que vem sendo muito debatida desde a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (Brasil, 2008). Essa política dispõe que:

[o] movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (Brasil, 2008, p. 1).

No quadro a seguir, apontam-se algumas políticas públicas que debatem a audiodescrição:

Quadro 1. Legislações aplicadas à audiodescrição

Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.	Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006, do Ministério das Comunicações.	Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão.



Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.	Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.
Portaria nº 188, de 24 de março de 2010.	Altera o subitem 3.3 e o item 7 da Norma Complementar nº 01/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, aprovada pela Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006.
Portaria nº 312, de 26 de junho de 2012.	Altera texto do item 7.1 da Norma Complementar nº 1/2006, estabelecendo valor mínimo de horas para veiculação obrigatória do recurso de legenda oculta para emissoras do serviço de sons e imagens e de retransmissão de televisão.
Instrução Normativa Ancine nº 116, de 18 de dezembro de 2014.	Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela Ancine; altera as Instruções Normativas nº 22/03, 44/05, 61/07 e 80/08, e dá outras providências.
Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.	Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Fonte: Elaborado pelas autoras adaptado de Enap, 2020, p. 20.

Com referências aos descritores, várias buscas foram realizadas com outros descritores, mas todas conduziam para um número alto de pesquisas, o que impossibilitava a realização da apreensão dos dados. Sendo assim, optou-se por trabalhar com os três descritores já apresentados.

O primeiro descritor utilizado na busca foi: Audiodescrição. Com esse descritor, foram localizados 195 artigos; desses, percebeu-se que nem todos estavam relacionados à educação escolar, isso porque a audiodescrição é uma ferramenta utilizada em várias áreas, já que orienta processos inclusivos de diferentes formas. Constatou-se, a partir da leitura dos títulos dos 195 artigos, que as temáticas preponderantes eram: design, jogos de futebol, física aplicada, geografia, fotografia, inglês, desenho animado, dança, meditação, ciências da informação, extensão universitária e legislações.

Na sequência, o segundo descritor da pesquisa foi: Audiodescrição e escola. Nessa busca, localizaram-se 16 artigos; desses, alguns já estavam contidos na busca anterior. Por fim, utilizou-se o terceiro descritor com o intuito de refinar as buscas: Audiodescrição e arte e escola. Partindo desses termos, localizaram-se 11 artigos. O período de publicação desses artigos foi entre 2015 até 2024, o mesmo período que se utilizou como critério de organização de dados.

Em geral, as áreas de estudos que mais se destacaram na busca, foram: linguística, ciências sociais e ciências humanas. As publicações selecionadas estão em português e serão apresentadas no quadro a seguir.



Quadro 2. Levantamento das pesquisas

Autor/es	Título e ano	Resumo
Juliana Pontin, Rosely Aparecida Liguori Imbernon	Divulgação geocientífica inclusiva (2019)	O Brasil apresenta um contingente de mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiências visuais, sendo 582 mil cegas e 6 milhões com baixa visão. Neste universo, poucas iniciativas educacionais em geociências são identificadas, e, em geral, não fazem uso de vídeos educativos. O presente estudo tem como objetivo a apropriação do recurso da Audiodescrição em vídeos educativos, com foco no ensino de ciências, especificamente, conteúdos relativos às geociências e meio ambiente. A produção de materiais de divulgação científica para deficientes visuais, com foco na educação básica, carece de recursos didáticos, tal como a Audiodescrição, que auxiliem ao professor e propiciem ao aluno com deficiência visual acesso a vídeos encontrados no YouTube [...].
Anna Karolina Alves do Nascimento, Jefferson Fernandes Alves	O tato, a audiodescrição e o teatro: quando as mãos desvendam os elementos da cena teatral (2018)	O presente artigo apresenta como referencia os estudos de Violante (2015) e Santiago (2015) – que abordam a exploração tátil como procedimento complementar de acessibilidade teatral – e procura enfocar a experiência tátil desencadeada no processo de audiodescrição (AD) da peça teatral De Janelas e Luas. Assumindo como a abordagem metodológica a pesquisa de intervenção em uma perspectiva bakhtiniana, explora dois contextos investigativos, nos quais realiza a acessibilidade do espetáculo para pessoas com e sem deficiência visual: o auditório do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI/CAP/UFRN) e uma sala de aula do segundo ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual, situada em Natal/RN. Esse enfoque permitiu compreender os procedimentos de tatibilidade e de audibilidade como formas semióticas de provocar as matrizes das visualidades inerentes ao espetáculo teatral, ampliando, com isso, a compreensão do teatro como arte do encontro, na medida em que as pessoas com deficiência visual tocam e são tocadas pela cena.
Sâmia Araújo dos Santos, Thais Yuli Nogueira Sales	Audiodescrição na escola: uma proposta de sequência didática (2019)	O presente artigo traz uma interface Audiodescrição (AD) e Letramento literário em uma sequência didática (COSSON, 2014) do livro de literatura infanto-juvenil <i>O amor nos tempos do blog</i> , de Vinicius Campos, da editora Companhia das Letras para alunos videntes do 7º ano do ensino fundamental de uma escola privada regular. O objetivo do trabalho é apresentar uma sequência didática que propõe aos alunos o conhecimento e a discussão acerca da AD e da necessidade de uma modalidade da Tradução ser inserida em nossa sociedade para os produtos culturais serem acessíveis às pessoas com deficiência visual e estas terem acesso à cultura [...].
Maria Cecília Bezerra Tavares, Ana Beatriz Lago de Moraes	A linguagem fílmica na escola: a fantasia acessível pela audiodescrição (2020)	O cinema é considerado como a 7ª arte que fascina e absorve o espectador. Observa-se o uso crescente desta linguagem como ferramenta didática no cotidiano escolar. Ao aluno com deficiência visual deve ser garantido o direito de apreciar a linguagem fílmica, fato que requer a criação de mecanismos e estratégias que assegurem as condições de acessibilidade. A Audiodescrição (AD) é um dos recursos de acessibilidade e é considerado também com um recurso pedagógico. O Centro de Referência em Educação Especial – Instituto Municipal Helena Antipoff, órgão da Secretaria Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, utiliza o recurso de Audiodescrição em suas pesquisas aplicada na Rede de Ensino. Os estudos são desenvolvidos na Oficina de Audiodescrição. O objetivo deste artigo é relatar o estudo desenvolvido no ano de 2015 e 2016 [...].
Andréia Paiva de Araújo Ferreira	Audiodescrição do desenho animado Peppa Pig: relato de uma experiência com crianças com deficiência visual (2020)	Este estudo consiste na Audiodescrição do desenho animado Peppa Pig, relatando a experiência do processo de elaboração do roteiro e suas etapas até a exibição para crianças com deficiência visual em uma escola. Objetivamos apresentar as informações importantes para elaboração de uma Audiodescrição direcionada ao público infantil, a consultoria realizada por profissional com deficiência visual, a narração e a finalização do desenho com o recurso. A experiência profissional da pesquisadora como audiodescritora e como atriz e as reflexões sobre o processo auxiliaram na construção de uma proposta de Audiodescrição para desenhos animados. A Audiodescrição é uma importante ferramenta de acesso aos conteúdos imagéticos do desenho. O trabalho demonstra a relevância do conhecimento sobre o recurso e o acesso a desenhos animados, como meio de interação e inclusão à cultura.



Diana Reghini Vanderlei, Flavia Nosralla de Oliveira Caruso, Lara Rangel G. Santa'Anna, Suely Maciel	Acessibilidade e inclusão: projeto biblioteca falada e a audiodescrição de produtos audiovisuais (2016)	O projeto de extensão Biblioteca Falada, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), busca promover o acesso de pessoas com deficiência visual à comunicação, por meio da transposição de textos impressos, digitais e/ ou audiovisuais para áudio. Entre as diversas produções do projeto em 2015, destaca-se a Audiodescrição do documentário em vídeo Noite sem fim, que fala dos alunos com deficiência visual da Escola de Música de Brasília. Este trabalho aborda todo o processo de produção da Audiodescrição, bem como discute a importância desta e de outras formas de adaptação de textos midiáticos para a acessibilidade e inclusão das pessoas com deficiência.
Jefferson Fernandes Alves, Anna Karolina Alves do Nascimento	A audiodescrição e a mediação teatral: a palavra e o jogo dialogando com a cena (2018)	O presente artigo aborda a Audiodescrição como tradução intersemiótica, interpretando-a, a partir das proposições bakhtinianas, como um posicionamento responsivo, gerador de uma contra palavra que ocupa o entre lugar dos enunciados das obras traduzidas, sobretudo o teatro, orientando-se pela perspectiva de que a atividade espectral das pessoas com deficiência visual possa provocar contra imagens como (trans) figurações singulares daquilo que foi apreciado. Essa abordagem pelo viés da responsividade nos remete ao caráter mediador da Audiodescrição na teia semiótica de atribuição de sentidos que nos permite uma iniciativa teórico-prática de articulação da Audiodescrição com a mediação teatral, a partir do jogo improvisacional [...].
Edivaldo Jeronimo Pereira do Nascimento, Ernani Nunes Ribeiro	Audiodescrição no ensino de ciências biológicas: uma experiência no ensino médio com o ensino sobre células (2023)	O artigo demonstra a importância da Audiodescrição, uma das Tecnologias Assistivas da comunicação, em contextos educacionais, no ensino de biologia. Analisamos os educandos com deficiência visual, na tradução de imagens estáticas de células no livro didático do primeiro ano do ensino médio. O estudo partiu da problemática das vivências escolares no uso de discursos imagéticos dispostos em situações didáticas. Como método, foi usado o estudo de caso na cidade do Recife-PE, através de uma entrevista com um sujeito, a partir dos critérios: ser estudante do primeiro ano do ensino médio de escola pública, ser pessoa com deficiência visual e ter idade entre 16 e 21 anos. Durante a entrevista, foram realizadas a Audiodescrição da imagem de uma célula do livro didático e alguns questionamentos. Nesse sentido, o estudo apontou que esse recurso é indispensável para o acesso às imagens do livro didático pelos estudantes com deficiência visual [...].
Tássia Lopes de Azevedo, Gabriela Alias Rios, Soellyn Elene Bataliotti, Gerusa Ferreira Lourenço	Uso da audiodescrição no brincar de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil (2019)	Este estudo trata do uso da Audiodescrição (AD) como recurso para a inclusão escolar de uma criança com deficiência intelectual na educação infantil. A AD consiste em um recurso de tradução intersemiótica, do visual para o verbal. O objetivo desta pesquisa foi analisar o uso da AD no brincar da criança com síndrome de Down. Participou desta pesquisa uma criança com Síndrome de Down matriculada em uma escola de educação infantil localizada no interior do estado de São Paulo. Foi realizado um programa de intervenção durante o período escolar que compreendeu cinco encontros semanais com duração de 60 minutos cada. Além disso, foram realizadas três sessões de observação de 90 minutos cada, sendo duas sessões antes e uma após a intervenção com a criança, de modo a comparar a influência que a intervenção teve sobre o aluno. Os resultados demonstraram que no caso de uma criança com deficiência intelectual, o recurso de Audiodescrição pôde auxiliar de forma positiva na superação de barreiras e inclusão no âmbito escolar, pois se mostrou eficaz na estimulação da atenção e compreensão das brincadeiras. Conclui-se que é importante que algumas brincadeiras sejam adaptadas, utilizando recursos diferenciados, condizendo com a necessidade do aluno, de forma que este seja realmente incluído em todas as atividades lúdicas propostas pela professora.



Marcelo Santos	Por uma nova ética audiodescritiva: a recreação como procedimento (2015)	A Audiodescrição (AD) consiste em fornecer a pessoas com cegueira e baixa visão a tradução sonora de processos comunicativos visuais e audiovisuais, como programas de TV, obras de artes plásticas ou ópera. Esta atividade se formalizou na década de 1980, nos Estados Unidos, a partir do modelo "descreva o que você vê". Tal proposição, o audiodescritor, empunhando a controversa bandeira da "objetividade", oferece leitura supostamente isenta - e em certa medida protocolar - sobre aquilo que observa. A escola americana prosperou e se disseminou pelo mundo, tornando-se o padrão da AD realizada, inclusive, no Brasil. Recuperando, contudo, a melhor tradição tupiniquim da "transcrição" ou "recreação", defendida pelos poetas concretos, lançaremos, ao menos para as artes visuais, outra proposta metodológica/experimental: o uso de diagramas poéticos sonoros para a realização da AD, compreendida como tradução intersemiótica. Acredita-se que a camada sensível, tão cara às artes, é muitas vezes perdida no tecnicismo da AD normatizada, e que construções diagramáticas talvez possam recuperar esta dimensão através de signos sonoros inteligíveis mas, sobretudo, sensuais. Há, conforme explicamos, certa articulação estética, ética e semiótica que referenda a proposta aqui apresentada.
Raimundo Guilherme Lima, Rogério Tavares	A audiodescrição: a voz que promove a imagem no contexto educacional geográfico (2019)	O trabalho apresenta uma proposta de cunho educacional, que tem como objetivo propor uma produção midiática audiovisual com a utilização do recurso da Audiodescrição. Podemos classificar a Audiodescrição como uma intermediação linguística, uma modalidade de tradução que ressignifica o visual em verbal, contribuindo para a inclusão cultural, social e educacional. Desta feita a implementação da proposta foi aplicada na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima – Extremoz RN, com a turma do 9º do Ensino Fundamental II na disciplina de Geografia. A construção metodológica segue as seguintes diretrizes: Embasamento teórico sobre o tema, apresentação das ideias aos alunos durante aula expositiva, seleção dos assuntos, construções dos roteiros, filmagens, edição e publicação dos vídeos. Culminando com a construção de um audiovisual acessível para pessoas que apresentem deficiência sensorial (baixa visão ou cegos). Sendo este audiovisual o produto resultado do experimento desenvolvido. Deste modo, o estudo agregou inovação, capacidade de engajamento da turma e construção de uma mentalidade educacional voltada para implantação de vetores que promovam a acessibilidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de buscas no Portal CAPES, 2024.

Depois da leitura dos resumos, escolheram-se dois artigos para aprofundamento teórico: "O tato, a audiodescrição e o teatro: quando as mãos desvendam os elementos da cena teatral" e "O uso da audiodescrição no brincar de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil". De modo geral, foi possível identificar, nos vários conceitos de audiodescrição trazidos nesta seleção, certa concordância relacionada aos seguintes aspectos:

- "A audiodescrição permite que o usuário receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que esta aparece" (Enap, 2020, p. 6).
- A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual, fundamentalmente trabalha com imagens (Enap, 2020, p. 6).
- A audiodescrição é uma Tecnologia Assistiva.
- O papel da audiodescrição é fundamental para a inclusão e para a acessibilidade.

A reflexão inicial será exposta com o primeiro artigo: "O tato, a audiodescrição e o teatro: quando as mãos desvendam os elementos da cena teatral" (Nascimento; Alves, 2018). O



artigo aborda um estudo feito em 2017, a partir das bases teóricas de Violante (2015 *apud* Nascimento; Alves, 2018) e Santiago (2015 *apud* Nascimento; Alves, 2018), e de uma perspectiva bakhtiniana⁴. A abordagem metodológica debruçou-se na intervenção, com a exploração de contextos investigativos que dimensionam a acessibilidade no espetáculo de teatro.

Esse estudo foi realizado no auditório do colégio de aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com estudantes que estavam no segundo ano do ensino médio. O objetivo era proporcionar uma abordagem embasada na tatibilidade (habilidade do tato) e audibilidade (habilidade auditiva) para criar uma forma de reconhecimento e compreensão do espaço da peça de teatro “De janelas e lua”. No decorrer do artigo, os autores apresentam as observações que fizeram, e relatam a proposta: que os estudantes com deficiência visual e seus acompanhantes acessassem o palco, 45 minutos antes de a peça começar, para poder reconhecer os espaços do cenário e figurinos, por meio do tato. Isso fez com que os estudantes com deficiência visual tivessem uma melhor compreensão ao assistirem à peça com audiodescrição. Percebeu-se que o entendimento e a criação de outras percepções, por parte desses espectadores no decorrer da peça, ficaram mais apurados do que somente com a audiodescrição (Nascimento; Alves, 2018).

Desse modo, o estudo desenvolveu um processo de audiodescrição que procurou considerar os atributos musicais explorados na encenação do espetáculo, sobretudo o timbre e o ritmo vocal, esforçando-se para respeitar as escolhas estéticas da proposta cênica. Desse modo,

[...] a pessoa com deficiência visual, em situação ou estado de apropriação da obra acessível, ao mobilizar seu corpo, sobretudo pelo eixo da audibilidade, constrói suas respostas por meio de contraimagens – imagens-próprias que recriam essa obra. E [esta] perspectiva de recriação da obra acessível, em que o tato como um procedimento semiótico complementar é acionado, concorre, também, para a constituição dessas contraimagens (Nascimento, Alves, 2018, p. 9).

Sendo assim, constatou-se que as atividades com artes podem proporcionar ações inclusivas, desde que sejam realizadas com tecnologias que possibilitem a exploração de todos os estudantes. Para tanto, é necessário que a escola busque ações que rompam com o formalismo que habitualmente existe nos currículos, já que entendemos que

[a] escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (Mantoan, 2015, p. 12).

4 Perspectiva do teórico Mikhail Bakhtin com relação às diversas manifestações da linguagem.



O segundo artigo escolhido para fazer as análises foi: “Uso da Audiodescrição no brincar de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil” (Azevedo *et al.*, 2019). Este estudo aborda uma observação feita com uma criança de 2 anos e 8 meses da educação infantil com Síndrome de Down (que no estudo é definida como deficiência intelectual) e deficiência visual. É necessário, novamente, ressaltar a amplitude de benefícios da audiodescrição:

Além de ser destinada a pessoas com deficiência visual, a audiodescrição também é voltada para os seguintes públicos: pessoas com deficiência intelectual; idosos; disléxicos; autistas; pessoas com déficit de atenção; pessoas sem deficiência, que podem ampliar o senso de observação e o entendimento de espetáculos e produtos audiovisuais (Enap, 2020, p. 8).

O acompanhamento foi realizado em cinco encontros semanais, cada um com 60 minutos, sendo dois encontros antes da intervenção e um após. Ressalta-se que foi percebida uma resposta bem positiva aos recursos de audiodescrição, eles auxiliaram a criança em sua interação acerca de atenção e compreensão nas brincadeiras feitas com o recurso.

A metodologia antes da intervenção foi elaborada com análise do comportamento aplicada (habilidades funcionais, sociais, linguísticas, desenvolvimento cognitivo). Houve o consentimento da instituição privada e dos pais da criança, e a proposta foi aprovada por três juízes avaliativos.

As atividades foram as mesmas antes e após as observações iniciais das pesquisadoras. O processo foi feito dentro da sala de aula da criança, e foi respeitado o plano de aula da professora da turma. A audiodescrição foi usada em momentos em que era preciso falar sobre cores, objetos, cenários etc. A criança em momento algum foi retirada da sala, sendo sempre estimulada a interagir com o meio que já estava frequentando há seis meses. Desse modo, a tecnologia foi utilizada a fim de facilitar “a vida das pessoas com deficiência por possibilitar a comunicação, a pesquisa e o acesso ao conhecimento” (Enap, 2020, p. 22).

No decorrer da metodologia aplicada com a criança antes e depois das observações, o uso da audiodescrição se apresentou como positivo, pois, embora a criança tivesse dificuldade de comunicação verbal, percebeu-se que, com a aplicação da AD, ela conseguiu internalizar os conceitos trabalhados nas dinâmicas propostas pelas pesquisadoras. Quando foi abordada a canção “o sapo não lava o pé”, por sua professora de sala, a criança auxiliada com a AD conseguiu identificar partes do seu corpo, de acordo com a música. A criança pôde também tocar os fantoches utilizados em outra atividade de contação de história, e teve acesso a audiodescrição das imagens que estavam no livro de história utilizado na ocasião.

Concluiu-se, na pesquisa selecionada (Azevedo *et al.*, 2019), que houve uma melhor compreensão e colaboração da criança em seu espaço social e escolar, ocasionando, assim, a sua construção de conhecimento. Proporcionar maior qualidade de recursos de acessibili-



dade, de acordo com as particularidades de cada criança, portanto, aumenta o potencial de aprendizagem, constrói pensamentos críticos e comportamentos sociais, estimula criatividade, e promove superação de barreiras, buscando uma alteração de perspectiva em relação as pessoas com deficiência e as práticas inclusivas.

Por tudo isso, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (Mantoan, 2015, p. 16).

Foi proposto, no artigo, que uma interação entre os professores de Educação Especial que fazem o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os regentes de sala de aula pode proporcionar uma aprendizagem mais significativa para os estudantes. Foi também indicado que, embora a intervenção tenha sido por um período curto, se houvesse a possibilidade de ser aplicada por um tempo maior, os resultados poderiam ser ainda mais positivos (Azevedo *et al.*, 2019).

Mesmo trazendo ao debate apenas dois artigos, foi possível perceber que os estudos apontaram que a audiodescrição, além de ser um recurso importante para o ensino, pode facilitar a compreensão ou explicação de um conceito aos estudantes, sendo percebido como um recurso que contribui para todas as pessoas. A AD objetiva aumentar o nível de entendimento e compreensão das atividades, contribuir para a inclusão cultural, social e escolar, e promover uma maior independência e autonomia. Partindo dessas questões levantadas, abaixo são apresentadas algumas possibilidades da AD para as atividades de ensino.

Quadro 3. Propostas de atividades relacionadas com audiodescrição

Atividades	Possibilidades
Contação de histórias	A contação de histórias é uma prática importante para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, pois favorece o contato com diferentes linguagens e a interpretação textual. É importante selecionar os elementos que serão incluídos e distribuí-los ao longo da história. A história tem que ser já conhecida por quem fará a AD, é interessante fazer diferentes entonações de voz e podem-se utilizar brinquedos e objetos criados referentes à história para que o estudante os toque.
Modelagem com argila	O trabalho com argila na escola explora de forma sensorial a experimentação com uma textura diferente. Pode ser uma atividade que estimule a criatividade, a coordenação motora fina e a concentração dos estudantes. A AD pode complementar a atividade de modelagem no momento em que são descritos os materiais, as possibilidades de uso e os outros modelos já realizados com a argila. Essa atividade faz com que os estudantes possam expressar sentimentos.
Feiras e exposições	Descreve-se o que está exposto nos estandes da feira e dá-se a possibilidade de o estudante tocar nos objetos. Deve ser usada uma linguagem descritiva, precisa e apropriada. Ao proporcionar a AD como ferramenta pedagógica nos espaços de feiras e exposições, os estudantes são conduzidos a construir significados e compreender melhor o que lhes é apresentado.
Assistir a filmes	Verifica-se se o filme está disponível com AD, se não estiver, é preciso buscar outro filme que seja acessível a todos os estudantes. Os estudantes são envolvidos na preparação da acessibilidade do filme: buscam inicialmente a sinopse, a ficha técnica e outras informações que podem auxiliar na compreensão do enredo do filme. Também é preparado um roteiro antecipadamente.



Elaboração de mapas	No caso dos mapas, eles podem ser táteis e tem algum recurso que descreva cada parte em que o estudante está tocando. Podem ser utilizados softwares específicos e um QR code que gere a AD. Os mapas que se utilizam de recursos de acessibilidade permitem que todos compreendam os conceitos apresentados.
---------------------	---

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Na escola, pode-se utilizar a audiodescrição didática – ADD. Esse é um recurso que se adapta às demandas escolares, podendo ser utilizado pelos docentes para apresentar imagens de forma simples, potencializando o processo de ensino e aprendizagem. Diferentemente da AD padrão, a audiodescrição didática, segundo Vergara-Nunes (2016), deve ir além de uma simples tradução de uma imagem para um texto descrito que se possa ouvir, ela precisa auxiliar o estudante na aprendizagem, precisa ser funcional, complementando o texto didaticamente, ou seja, o objetivo é o processo de ensino e aprendizagem, “dando a ele [o estudante] condições de aprender conteúdos escolares veiculados por imagens junto com seus colegas em sala de aula em contextos inclusivos” (Vergara-Nunes, 2016, p. 271).

Como forma de auxiliar os docentes nesse processo de audiodescrição didática foi realizado, pelos teóricos Zehetmeyr, Ferreira Filho e Vergara-Nunes (2016), um guia prático com o objetivo de dar subsídios para o educador utilizar a audiodescrição didática em seu fazer pedagógico. Esse documento traz diversas formas de adaptar os materiais com a ADD.

Como forma de auxiliar a compreensão de como essa audiodescrição didática difere-se da audiodescrição padrão, organizou-se um quadro com algumas diferenciações.

Quadro 4. Audiodescrição padrão e a audiodescrição didática

Audiodescrição padrão	Audiodescrição didática
Descreve o que está na imagem	A descrição é realizada com foco nas informações relevantes
Acessibilidade	Acessibilidade e inclusão nos espaços escolares
Considera o receptor como um grupo	Considera o receptor como um indivíduo
O audiodescritor não interfere	O audiodescritor interfere, pois ele objetiva a aprendizagem ao descrever
É uma tecnologia de acessibilidade visual	É uma ferramenta de ensino e aprendizagem
Sem emoções, somente a descrição	Pode apresentar emoções, exaltar aspectos relevantes

Fonte: Adaptado de Vergara-Nunes (2016, p. 270).

Ressalta-se, por fim, que o conhecimento sobre a AD é essencial para promover a inclusão, a diversidade e o respeito pelas diferenças em todos os âmbitos da vida, e que, embora a audiodescrição tenha a sua relevância em descrever as imagens, quando ela é realizada



com o objetivo da aprendizagem, ela vai além dessa transposição. Nesse caso, audiodescrição torna-se audiodescrição didática, respalda-se nos assuntos presentes nas disciplinas e torna possível a construção de espaços mais acolhedores.

Considerações finais

Realizar esta pesquisa foi significativo para se compreender novas propostas acerca da audiodescrição. Buscou-se demonstrar como a escola pode trazer a arte para seus espaços, repensando sua prática para todos os sujeitos e saindo da inserção para a inclusão. Percebeu-se, ainda, que existem poucos aprofundamentos sobre o tema e que há muito a ser estudado para haver mais qualidade na oferta de acessibilidade e inclusão no espaço voltado à educação e às artes.

É necessário refletir que os debates que contextualizam os diferentes modos de concepção da deficiência no decorrer da história contribuíram para a constituição de práticas específicas no atendimento às demandas dos sujeitos. O olhar inclusivo nos espaços educativos constitui-se independentemente de haver ou não estudantes com deficiência, sendo importante organizar materiais pedagógicos que já estejam adaptados para todas as pessoas.

As concepções trazidas retrataram a multiplicidade de ações que podem ser conduzidas a partir da AD, e principalmente da ADD. Tais reflexões vislumbram o quanto necessário é reconhecer cada peculiaridade relacionada à deficiência visual, de modo a desenvolver as potencialidades de cada aluno. Sendo assim, constatou-se que o aprendizado é construído de maneiras diferente para cada pessoa, independentemente de ter ou não deficiência. Desse modo, faz-se necessário que as particularidades dos estudantes com alguma demanda específica sejam respeitadas.

Nesse sentido, a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva é uma modalidade de ensino que visa à inclusão de todas as pessoas nos espaços escolares, e é fundamental para promover uma educação mais equitativa e diversificada. Essa abordagem deverá garantir que todos os estudantes, independentemente de suas necessidades e características individuais, tenham acesso a uma educação significativa.

Por fim, defende-se que a inclusão não prejudica nenhum processo de aprendizado. Desse modo, é preciso que a educação atue cada vez mais com a audiodescrição e outras Tecnologias Assistivas, de modo a tornar mais acessível a aprendizagem todas as pessoas, desconstruindo perspectivas capacitistas e organizando uma prática voltada a uma educação inclusiva.



Referências

AZEVEDO, Tássia Lopes de *et al.*. Uso da audiodescrição no brincar de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, RS, v. 32, 2019. DOI: 10.5902/1984686X23667. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/23667>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC: SEESP, 2008.

BRASIL. *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência / Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência)*. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Cidadania: Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, ano 152, n. 127, p. 2-11, 07 jul. 2015.

ENAP – Escola Nacional de Administração Pública. *Introdução à Audiodescrição*: módulo 1. Desenvolvimento do curso realizado no âmbito do acordo de Cooperação Técnica FUB / CDT / Laboratório Latitude e Enap. Brasília, DF: Fundação Escola Nacional de Administração Pública, 2020. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/5299/1/Mod_1_Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar*. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. *Educação Especial no Brasil*: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

NASCIMENTO, Anna Karolina Alves do; ALVES, Jefferson Fernandes. O tato, a audiodescrição e o teatro: quando as mãos desvendam os elementos da cena teatral. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, SC, v. 14, n. 3, p. 07–35, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/11144>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, vol. 6, n. 19, p. 37–50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176/22872>. Acesso em: 25 ago. 2024.



VERGARA-NUNES, Elton. *Audiodescrição Didática*. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167796/341239.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 set. 2024.

VÍDEO porco espinho com audiodescrição. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Ver com palavras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYZOJ-Rn9hU>. Acesso em: 19 set. 2024.

ZEHETMEYR, Tania Regina de Oliveira; FERREIRA FILHO, Raymundo Carlos Machado; VERGARA-NUNES, Elton. *Guia prático de audiodescrição didática*. Pelotas, RS: Instituto Federal Sul-rio-grandense, 2016. Disponível em: <https://espanholacessivel.ufc.br/pt/biblioteca-do-espanhol-acessivel/audiodescricao/guia-pratico-producao-de-audiodescricao-didatica/>. Acesso em: 15 out. 2024.

Recebido em: 10.10.2024

Revisado em: 28.3.2025

Aprovado em: 26.6.2025